



Barracos dos sem-abrigo

Património dos Pobres

Desabrigados sem conta

NAQUELA tarde demos uma volta pelos arredores da cidade. Bairros e bairros de barracas sem conta! Faz-nos cair o coração! Faz cair o coração a todos os que ainda o tenham no seu lugar.

Parece que ainda estou a ver e a ouvir um Ministro, de cara sorridente, a anunciar ao País a vinda de mais uns milhões de contos. E que parte deste dinheiro seria para os sem-abrigo.

Ouvindo este comunicado, alguém me confidenciava: — *Eles nem sonham que só neste bairro há mais de mil barracas. Pensam que são poucos os desabrigados.*

Tem já construídos e habitados alguns blocos de moradias de renda económica que, mesmo económica, não está ao alcance de todos os necessitados.

Informaram que há inquilinos que pagam cinquenta mil escudos mensais. Há um que, por não poder cumprir, anda, ao longe, a construir uma barraquinha para ir habitá-la.

Na cidade, ao fim de três anos, os sem-abrigo rondarão três mil. E pouco mais se tem feito do que estudos e estatísticas.

Mais um pára-raios de Deus

Naquele bairro parámos junto duma comunidade religiosa. Entrámos e uma das três Irmãs atende-nos amavelmente. Estão ali já há vinte anos. Conta o que conhece da vida e aflições daquela gente. Procuram estar sempre dispostas a atendê-los.

Continua na página 2

Processo de Beatificação de Pai Américo

NOS *Actos dos Apóstolos*, que lemos insistentemente no Tempo Pascal, a presença do Espírito Santo prometido por Jesus — «Não vos deixarei órfãos» — sente-se na transformação daqueles homens acanhados que eram os discípulos e agora afrontam, firmes, as forças que se lhes opõem ao anúncio da Boa Nova e à expansão do Reino de Deus.

O Espírito antecipa-Se-lhes na caminhada ao encontro do mundo pagão e eles apercebem-se e fazem desta antecipação argumento para romper a mentalidade exclusivista do judaísmo: «Poderá alguém recusar a água do Baptismo aos que receberam o Espírito Santo como nós?»

E na simplicidade, que é característica sedutora da Igreja dos tempos apostólicos, tomam a liberdade de associar às suas decisões o Espírito que os ilumina e move, em expressões ousadas como esta:

«O Espírito Santo e nós próprios resolvemos...»

Penso bem que a sedução que Pai Américo exerceu e exerce sobre os homens do seu tempo, se filia neste *atrevidimento de criança* que o fez atribuir ao Espírito que o iluminou e moveu as ideias e as acções que lhe iam brotando: «Dizem pr'aí que o Padre Américo faz grandes coisas... O Padre Américo não faz nada. É um impellido; e impellido, vai».

É o sabor do Espírito Santo de que o Povo se apercebe. É este coração universal que o Espírito rasga. É este apego ao essencial que o Mandamento Novo sintetiza — «Amái-vos uns aos outros como Eu vos ameí» — o sinal efectivo do nosso amor a Deus expresso na aceitação do d'Ele em nós, o qual — só ele! — nos capacita para o amor fraterno. Ai do amor com que nos amamos se ele não viesse de Deus!

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE

A situação do povo moçambicano é muito dolorosa. A desminagem dos acessos a aldeias e culturas está a processar-se lentamente. Depois do pouco que ficou feito pela Unomoz, o processo intensificou-se com os grupos de desminagem. Mas até darem conta dos quatro milhões de minas, muitas vidas vão ser ceifadas ou inutilizadas, pela necessidade do povo procurar na terra a subsistência. Numa semana, aqui na Massaca, morreram dois. Por outro lado, há zonas onde a seca persiste — como à nossa volta — e o povo nada recolhe da semente lançada à terra. Outras áreas há que produziram com abundância, mas as vias de comunicação, ainda não reconstruídas, impedem o escoamento.

Nas cidades o mercado informal é suporte alimentar para milhares de famílias e nele se pode encontrar por vezes até o que não aparece nas lojas.

Não temos milho em armazém

Neste momento não há milho em armazém. De vez em quando os nossos operários eram mimoseados com um saco e agora não.

O ano passado recebemos quatro contentores de Portugal cheios de alimentos, roupas, calçado e ferramentas. O PMA beneficiou-nos por

A situação do povo moçambicano

duas vezes com algumas toneladas de milho, óleo, leite, açúcar e ervilha. Um contentor de Espanha com a ajuda dos pais da Eng.ª Blanca trouxe alimentos, roupa, calçado, remédios e material escolar. De Itália chegou, também, para nós, azeite, puré de batata, sopa em pacotes, sumos e fruta em calda. Os soldados da Unomoz frequentemente nos traziam o que lhes sobrava. Foi um ano de fartura que deu alimento para nós, os nossos operários e as mil e duzentas crianças que frequentam as escolas de Massaca I, Mailane e Changalane. Tudo bem aproveitado e distribuído durou até aqui. E agora?

Ao ler as notícias de Benguela, vejo que lá já fizeram o mesmo. Moçambique está a tentar reorganizar-se. Os meios de produção não estão assegurados; os grupos de investimento estrangeiros procuram as nascentes

abundantes de lucros em divisas. Como há-se levantar-se um povo humilhado, faminto, desajustado da realidade nova que os jogadores de gabinete preparam?

Quando estarão assegurados: a alimentação condigna, os dispensários e hospitais devidamente atendidos e equipados, as escolas recuperadas com professores abalizados e material didático e de consumo suficientes?

Sei que o Governo está empenhado, que as vozes na Assembleia da República se levantam. Moçambique está a encontrar-se a si mesmo. Os caminhos da Fé que o povo recupera com humildade e ansia não levam às Missões, em muitos lados ainda fechadas. Faltam forças novas na Igreja local, como faltam forças jovens, generosas e dinâmicas para assegurar a auto-suficiência estrutural do país que renasce.

Padre José Maria



A construção da nova Casa do Gaiato de Moçambique prossegue a bom ritmo

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — É mais um pensionista por invalidez. Tímido, nem sabe como exteriorizar um SOS quando precisa de quem lhe dê a mão. Fica angustiado, mãos trémulas, voz embargada. Envergonhado! Pomo-lo sempre à vontade e serena. Descontra-se. Como homem de fé, solta então uma invocação: — *Seja por amor de Deus!*...

É assim, invocando a Providência Divina, que passa para as nossas mãos pecadoras uma conta da botica por solver. Arrumamos logo o problema com a partilha dos nossos Leitores. Fica feliz. Até os olhos riem! Nós também por, na hora própria, termos a graça — é uma graça, sim senhor! — de poder servir os Pobres no limiar da miséria. Especialmente os doentes, pois ela, «a doença, é uma desgraça em nossa casa» — afirma este homem, à sua moda, como quem desabafa ao melhor amigo.

Quem dera que os responsáveis da Saúde ouvissem, com humildade, d'alma aberta e coração nas mãos, a cruz desta gente — são legiões! — relativamente aos medicamentos que nem todos podem comprar.

Na gestão da Saúde, até por mera Justiça Social, ainda há muito que fazer neste aspecto escondido da vida de quem precisa. Mesmo que nos qualifiquemos de utópicos, pelos respectivos encargos, porque não criar pequeninos serviços de apoio gratuito, minimamente burocratizados, idênticos aos das Irmandades e Misericórdias na Idade Média — precursoras da Segurança Social prós mais necessitados?

PARTILHA — São da região de Aveiro. Vêm a Paço de Sousa todos os anos, cumprindo religiosamente um voto de amor aos irmãos. Uma das mais idosas traz, no pensamento e na saca, a respectiva contabilidade. Impressiona ver a senhora entregar a partilha do grupo, tão certinha. Para os nossos Pobres, quatro mil escudos.

Assinante 3107, Rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa, «dez mil, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Como sempre, 'devo' O GAIATO logo que me chega às mãos. Penso sempre escrever na volta do correio, mas as coisas acumulam-se e atraso-me».

Porto, Rua Alto de Vila, um óbolo da assinante 26152: «Por vale de correio, e com muito gosto, envio 10.000\$00 para a Conferência destinados a um caso mais urgente. Não serão eles todos urgentes? Meu Deus, como a vida está tão difícil! Ainda há, porém, quem tanto estrague, o que me faz imensa pena. Ofereço esta lembrança por alma de minha querida mãe».

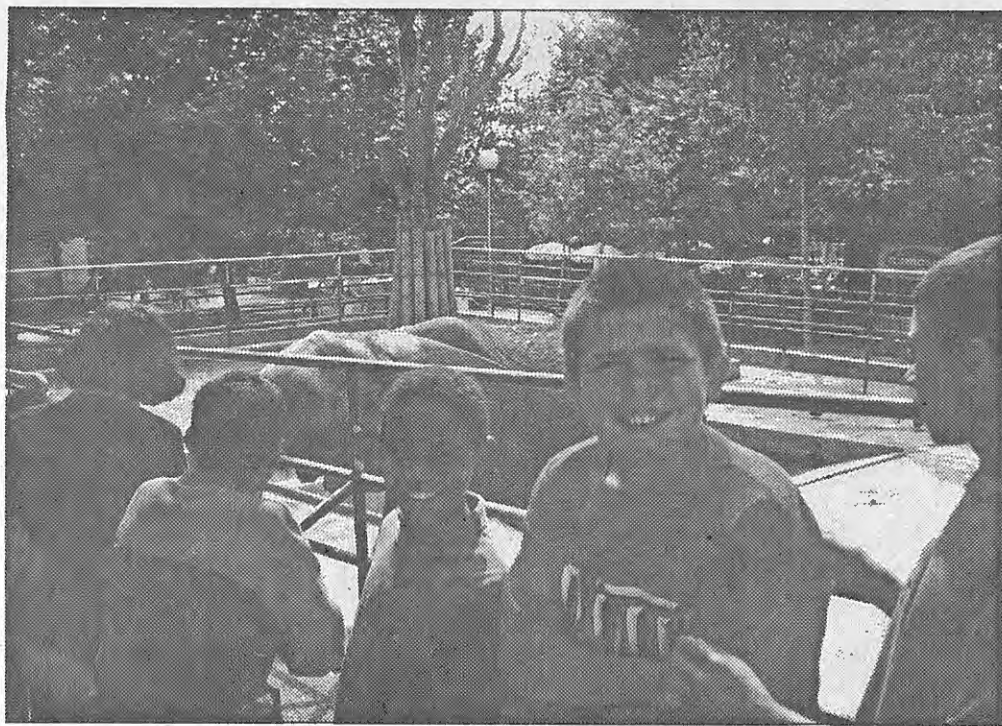
Um sacerdote, da região de Arganil, junta a sua à nossa mão com mil escudos «para os vossos Pobres». O Pastor conhece bem as suas ovelhas.

Mais dez mil, da assinante 14493, Rua da Boavista, Porto, «contribuição referente ao mês de Maio para a Conferência de Paço de Sousa». O costume, do casal-assinante 11902, do Fundão, recomendando a «distribuição habitual».

Manuel de Braga, cheque para «ajudar as irmãs viúvas, ou viúvos. As vezes eles são infelizes, pois as mulheres têm mais jeito para tratar dos filhos. Faço a minha oferta no dia da beata Joana de Portugal, amiga dos Pobres». Mais quinze mil, da assinante 57002, da Senhora da Hora: «Pequeno contributo referente ao mês de Maio. Apenas uma pequena migalha que poderá ajudar um nosso irmão mais carecido».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Eles no Zoo da Maia

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PASSEIO ESCOLAR — Recentemente, proporcionaram um agradável passeio aos nossos rapazes que frequentam o Ensino Básico. Ilustramos esta página com um apontamento fotográfico no Zoo da Maia.

VINHAS — Os homens do campo preparam-nas com muito cuidado, pois algumas já precisavam do hardo armado.

OBRAS — Continuam na casa quatro de cima. Ainda há muita coisa para fazer: pintar janelas, paredes, arranjar o chão e outras coisas mais.

UMA PRESENÇA — Está connosco a passar uns dias o Padre Kalemba. Já passou pelas outras Casas do Gaiato, do País. Depois seguirá para África. Desejamos que tudo corra bem e leve a mensagem do Senhor ao povo angolano.

CARA NOVA — É o Bruno Miguel Almeida Pereira, de 7 anos, de Leça do Balio. Esperamos que consiga encontrar o lar de família. Boa sorte!

VISITAS — Como sempre a nossa Aldeia continua a cativar corações! Quase todos os dias temos recebido amigos. A malta fica muito contente quando aparecem excursões de jovens, porque ficamos a conhecer outras pessoas e trocamos correspondência.

OFERTAS — Agradecemos tudo que nos têm dado. Ultimamente, muitos bolos e pão. Sabe tão bem saboreá-los à sobremesa e à merenda! Obrigado.

DISTRACÇÃO — É um bem de que todos nós gostamos. Queremos sempre fazer algo, fora das horas úteis. Isto vem a propósito dos nossos miúdos se distraírem de qualquer maneira e em qualquer sítio. Por vezes, isto causa vários acidentes e chatices aos responsáveis porque não temos um espaço onde os miúdos possam estar à vontade e serem aproveitados para várias áreas desportivas. Apesar de sermos uma Obra pobre, ao serviço dos Pobres, faz muita falta a construção dum gimnodesportivo onde possamos aperfeiçoar as nossas qualidades desportivas e aprender algo mais...

FUTEBOL — É com grande entusiasmo que o praticamos, sempre que podemos!

O nosso futebol está de parabéns, própria-mente a equipa sénior, pois acabamos de ganhar um torneio de futebol, aqui, em Paço de Sousa. No dia 28 de Maio defrontámos uma selecção

do torneio, cabendo à organização do mesmo seleccionar os melhores jogadores que actuaram.

Estava muito público para presenciar o encontro, que se previa um taco a taco das duas formações.

Nos primeiros minutos as coisas estavam equilibradas. Uma oportunidade de golo para cada lado, mas depois começámos a dominar e os golos começaram a entrar. A partir daqui a nossa equipa carregou ainda mais no ataque e os golos continuaram a entrar na baliza adversária. Resultado final: 9-0. Depois, a entrega dos troféus. O nosso team arrecadou dois: melhor guarda-redes e o primeiro lugar do torneio.

Agradecemos à organização o convite para a nossa participação. Foi muito bom termos alinhado.

É acabar um e entrar noutro: recebemos mais uma convocação para um torneio de futebol em Galegos (Penafiel). A resposta foi dada, mas este é mais pequeno porque só participam quatro equipas e terá início em 10 de Junho.

Repórter X

TOJAL

FESTAS — Praticamente já realizámos quase todas. Por onde passámos, as pessoas gostaram da nossa mensagem, assim como dos diversos números do programa.

Agradecemos ao público que em todo o lado nos acolheu com tanta amizade.

CARAS NOVAS — Mais dois pequenitos. Um, é o Rodolfo. Veio da Brandoa, tem 8 anos e a terceira classe. O outro chama-se Denecó, da mesma idade. Somos 147!

FUTEBOL — Nos fins-de-semana temos sempre uma equipa para defrontar. Ora perdemos ora ganhamos. O desporto, por vezes, é como o tempo... Temos duas equipas no activo. Uma para os pequenos e outra para os grandes. Sentimos a falta de material desportivo: luvas, chuteiras, bolas e restante equipamento.

OFERTAS — Já recebemos os tão apreciados iogurtes. Gostámos muito deste gesto. O nosso muito obrigado à Danone e à Yoplait. Assim como a todas as pessoas que se lembram da Casa do Gaiato.

VISITAS — Nos fins-de-semana recebemos grupos de pessoas que desejam conhecer a nossa Obra. Organizamos então um joguinho de futebol com os visitantes. Podem até cá almoçar,

se quiserem, e passar o resto do dia. Gostamos de ser visitados.

OBRAS — Existem projectos para a restauração do nosso palácio. Haverá quartos para as visitas. Quartos de banho e salas. Quanto à casa-mãe será arranjada e pintada no próximo Verão.

OBRIGAÇÕES — Nas próximas férias teremos mão de obra para as mais variadas obrigações. Começaremos a trabalhar 8 horas por dia e, se Dens quiser, a seguir à merenda daremos uns mergulhos na piscina.

AGRICULTURA — Nas férias será a apanha da batata e da fava. Trabalho um pouco chato para quem não gosta de estar ao sol. Mas, depois, para compensar, a nossa piscina refrescará os que estiverem lá a trabalhar. Além disto, haverá mais rapazes para ajudarem na lavoura: semear, plantar, cavar, etc.

ESCOLAS — Terminaram para o Ensino Unificado (7.º, 8.º e 9.º anos). Algumas negativas, um ou outro *chumbo* e o nosso Padre Cristóvão descontente pelo mau aproveitamento escolar dos que perderam o ano.

Joaquim Miguel F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Na altura em que escrevo dou comigo a recordar que terminou em 28/5/95 a «Semana toda a Vida Exige Amor».

Quanto de amor carecem os nossos Pobres! Como eles ficam contentes quando os vamos visitar no seu humilde viver! Eles sempre ambiciosos por receber uma palavra de amor e carinho. E nós, também, ciosos de um gesto de carinho do nosso visitado porque nos dão exemplos de como se vive com amor, mesmo despidos de coisas materiais.

O trabalho do vicentino, independentemente de levar alguns bens materiais, leva essencialmente uma palavra de ânimo, amor e carinho. Deus não nos pede outra coisa, senão para amarmos o nosso próximo, porque o Mandamento mais simples nos diz «amarás». Mas também sabemos que as verdades mais simples são, por vezes, as mais atraídas por nós. Por isso, recusamos a perfeição do amor. Estamos redondamente enganados quando pensamos que o amor não é para mim mas para os perfeitos. O verdadeiro amor não tem classes, mas seres Humanos a trabalharem para melhor servir e amar o nosso semelhante.

A palavra «Amarás» foi gravada na pedra e ainda não se apagou. Se a pedra que Moisés carregou nos seus braços andou perdida, Cristo se encarregou de gravar «Amarás» bem fundo nos corações dos Homens.

O QUE RECEBEMOS — Amiga, do Porto, M.T. 5.000\$00. Anónimo, 1.000\$00. Assinante 35819, 150 francos. Vale, de 20.000\$00, de M. Bernadette. Anónimo da Rua D. João IV, 5.000\$00. J.R.D., 2.000\$00. Amiga, de Lisboa, 5.000\$00. M. Marques, 10.000\$00. Mário, de Penafiel, 5.000\$00. Amigo Adriano, quatro frascos de xarope e 1.000\$00. M. F. Barreiro, 2.000\$00. Amigo Seabra, 1.500\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Referiu a Madalena que tem nove filhos. A casa, por dentro, parece uma pocilga. Outro dia, tinha à porta dois grandes montes de roupa suja.

Os medicamentos, comprados ainda há pouco, para uma doente que estava a morrer, a Misericórdia faltou com eles a tempo.

À mãe, com a filha muito mal, deram dinheiro para ir a um médico particular e a criança melhorou. Ela tinha vergonha de pedir. Aquela Irmã desabafou com muita alegria: — *Gosto muito deste trabalho e de toda esta gente. Já aqui*

estamos há vinte anos e nunca ninguém nos faltou ao respeito. Eles, do pouquinho que têm, dividem connosco.

Mais uma causa de pobreza

Despedimo-nos com alegria, mas logo à porta passou um carro carregado de droga. Ao fim da rua, dois grupos de homens novos à espera. Já ali estavam desde o princípio da tarde.

É um costume já de há muito. É negócio escuro. São vidas degradadas. É um novo modo de pobreza.

Padre Horácio

Malanje

7/5/95

Com os anúncios da paz e a fobia do longo cerco, surgiu nos domingos a saída da cidade, descontrolada e intempestiva, para a nossa Casa do Gaiato. Os recintos das lagoas ficam cheios. Os adultos parecem crianças no meio da natureza, sem receio dos tiros e das minas.

Isto está-nos causando alguns problemas...

Tudo vem à nossa janela na ânsia de apalpar os sinais da paz. O longo cerco amarfanhou os horizontes; agora, a pressa de os ver rejuvenescer.

Tal a loucura que já dois carros se meteram na água, sendo necessário máquinas potentes para os retirar. Ficou tudo escavado e sujo. Nem uma palavra ou ajuda para recompor... Pedimos às pessoas todo o respeito pelas crianças, pelas árvores e pelos recintos para que todos nós possamos tirar proveito deste bem.

8/5/95

«A cabra nasceu! Nasceu dois» — gritou o *Barrigas*.

Uma alegria esufizante comunicou-se em rastilho.

E logo nesta manhã tão límpida! O céu todo azul! O sol crivado pelos ramos duma acácia saltitando em gracinhas nos terreiros da Aldeia!

Há quatro dias foi a porca com sete leitões. Hoje a cabra com dois cabritinhos. Saudações à paz!

As crianças, os animais e as plantas... E este sol da manhã beijando a todos.

15/5/95

Há quinze dias que cozemos no nosso forno. Pão delicioso! «Quem faz este pão?», perguntou um amigo. — O João, respondi. E ele ficou olhando...

O João ganhou este dom com o seu esforço e dedicação.

O *Barata* e o *Bolotas*, o dom de cozinhar.

O Chico, aquele cafezinho inconfundível. Café das nossas plantas!

Daniel e *Cachoar*, a tremenda paixão dos tractores... «A chave para pôr a carrinha na garagem» — e eu dou.

O Nelo, chefe maior, organizado e disciplinador.

Adão e *Guerrito*, fiéis nas despesas... A fidelidade é uma virtude preciosa.

O Zé, nos coelhos. Que lindos!

O Adão pequeno — mas grande no cuidado dos porcos. Já tem 17.

O *Mingo* (que há três dias lava a louça sozinho porque roubou açúcar) pasta as cabras.

Bernardino, responsável pelas limpezas. Há dias, as Irmãs que o trouxeram ficaram maravilhadas com o arranjo dos dormitórios.

Que direi do Estel nas escolas e nas rouparias?

E o Joãozinho nos trabalhos do campo, das regas e das máquinas?

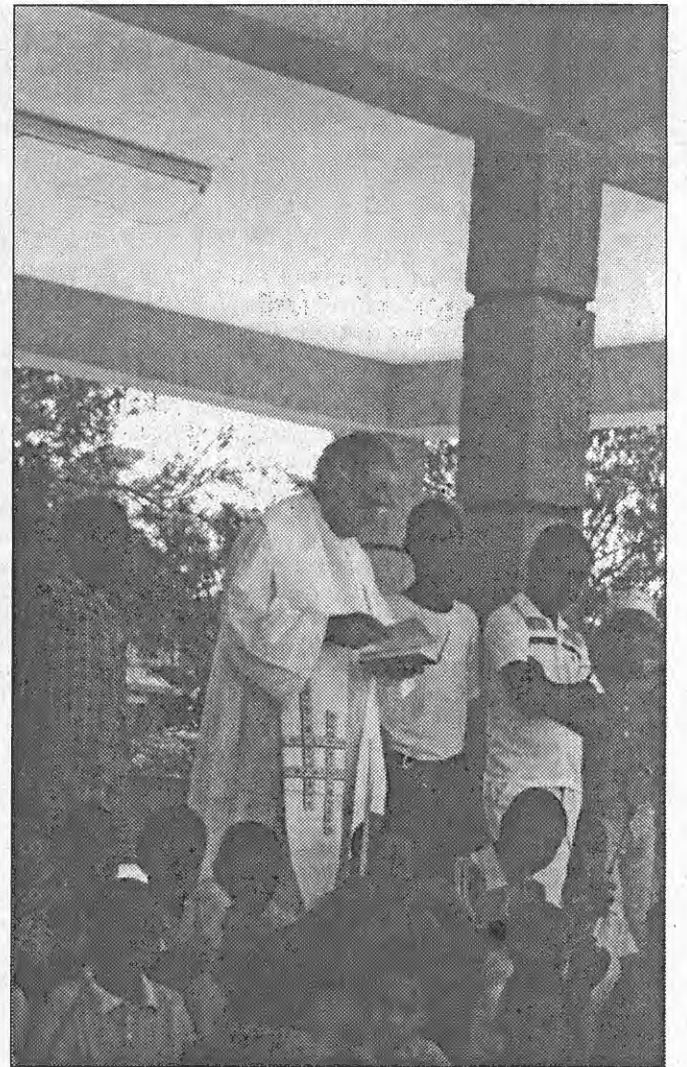
São todos eles e todos os outros, cada qual na sua obrigação, as colunas da nossa Aldeia.

O que seria sem eles? Nada. Obra deles, para eles, por eles. É assim. É o espírito e alma da Obra da Rua.

Pese embora aos quatro que o chefe encostou à parede, durante o almoço — porque na hora do trabalho foram às ginguengas (frutos da mata vermelhos como brasas). Claro que almoçaram no fim.

O tempo do cacimbo chegou. Vê-se neste sol da tarde, rubro e bailado pela brisa que brinca nas gravílias.

Padre Telmo



O nosso Padre Telmo preside à celebração pascal

BENGUELA

Os sinais da paz vão aparecendo

A GORA, que temos um camião, é um regalo para os 130 rapazes darem um passeio aos fins-de-semana. Se é o tempo de calor, a praia espera-os. Os mergulhos na água do mar e as brincadeiras na areia são uma delícia para eles. Para mim, que sou o motorista, são horas de muita paz. As ocupações saudáveis dos filhos são uma fonte segura de equilíbrio para o presente e para o futuro. Daí que o tempo gasto com eles nestas actividades não é desperdício, mas lucro. É que ainda não temos o lugar adequado já preparado para o seu entretenimento nas horas longas de lazer. Se não ajudarmos as crianças a ocuparem-se, elas vão procurar fazê-lo nem sempre da melhor maneira. Deste modo, o nosso camião é também um instrumento de grande valor humano.

Há, porém, mais uma nota interessante. Ontem foi domingo. Como sempre, o camião safu carregado de gente. Quem era? Todos os gaiatos. Mais um numeroso grupo de meninas que vieram do abandono como eles, agora debaixo dos cuidados maternos das Irmãs Doroteias. Mais outro grupo da primeira infância, com a mesma história, a quem o Abrigo dos Pequenos dá todo o carinho,

pelo coração das Irmãs do Santíssimo Salvador. Todos couberam. Quase duas centenas. Que coisa linda! Os olhos curiosos das pessoas que nos viam passar sorriam de contentamento mais os lábios. A polícia é compreensiva e não manda parar, que outro valor muito importante se levanta, com todo o cuidado de segurança. São crianças sem a sua família natural que se encontram e criam laços de verdadeira fraternidade. Esta é uma ocupação normal do nosso camião.

Já aqui demos notícia do Lar de Crianças abandonadas, instalado em condições muito precárias, nos arrabaldes afastados da cidade de Benguela, em lugar muito ermo. Estivemos lá, ontem de manhã, os rapazes mais eu. Quis que eles vissem com seus olhos, o que aquelas crianças não têm em comparação com o que eles já têm. Queremos que os nossos rapazes sejam educados para a solidariedade. Esta qualidade típica da cultura africana em Angola apanhou um golpe tão profundo que a pôs em estado de coma. Há que lançar mão de todos os meios para que volte a ter vida, a começar pelo alicerce que está nas crianças. Quem me dera pegar naqueles meninos e meninas e trazê-los comigo, mas não há mais lugar, agora, na Casa do Gaiato. No dia 1 de

Junho, Dia Internacional da Criança, o nosso camião vai buscá-los para passarem o dia connosco.

Os sinais da paz vão aparecendo. Já se circula um pouco por algumas estradas. A esperança vai

dando ânimo às pessoas. Ainda faltam muitos meses, porém, para que os acampamentos de refugiados de guerra se esvaziem. As vias principais permitem a circulação, mas o interior não. São as minas que não deixam o povo ir para as suas lavras. Enquanto assim for, a miséria avança.

As obras da nossa escola arrancaram. Vão devagar!

Padre Manuel António

O NOSSO JORNAL

Explicação

E STA parte final da expedição (será a derradeira?!), vamo-la seguindo como a criancinha que todos os dias exhibe uma graça nova.

Primeiro foi a máquina de ensacar a plástico ainda alimentada à mão; agora, o braço mecânico que automatiza a operação em fase de ensaio.

De qualquer maneira, a partir da dobragem do Jornal, o trabalho duplica. São sessenta mil exemplares que saem da etiquetadora e entram na plastificação, em vez de logo passarem ao empacotamento por códigos postais e ao mergulho nos sacos do correio que os levam a correr mundo.

Ensaio das máquinas, ensaios dos operadores... — por mais que queiramos não conseguimos ainda o ritmo necessário a assegurar O GAIATO nas mãos dos seus destinatários na hora desejada.

Os Assinantes são os nossos amigos, habituados, justamente pela mensagem que o Jornal lhes leva, a comungar nas nossas alegrias e nas nossas aflições. Estou certo que compreendem e sofrem pacientemente. Mas nós não queríamos faltar-lhes com esta explicação e o nosso pedido de desculpa.

Padre Carlos

P. S. — Júlio tinha o Jornal paginado e esta nota não coube na passada edição.

Vai hoje, mas, graças a Deus, já um tanto desfadada. É que a passada edição, por nós, teria sido despachada no tempo devido. Algum atraso foi causado pela falta de sacos do correio. O que significa que o sistema está a andar e o pessoal a caminho da desejada operacionalidade.

Vamos a ver se ainda estará alguma para acontecer...!

Tribuna de Coimbra

A força regeneradora da mãe-natureza

N A nobre tarefa de educar crianças, mormente as que provêm da rua, o contacto com a vida natural e a experiência dos seus ritmos cíclicos, a par de outras tidas por evidentes, é um verdadeiro expediente educativo.

Nenhum educador o negligencia ou ignora. Baden Powell, esse grande mestre da juventude, é um testemunho vivo que faz sempre bem recordar. Padre Américo, na sua intuição profunda de educador e Pai da juventude «sem-eira-nem-beira», sonhou sempre com um método radicalmente novo, distanciando-se tanto dos regulamentos rígidos, impessoais — tipo reformatório — como de esquemas teóricos, «imunes» da experiência vital, como infelizmente hoje por aí abundam com nomes altos e bem sonantes. A sua experiência — bem conhecida — é a das coisas vividas num contacto real e sofrido, bastas vezes.

Espaços largos, marcados pelo verde dos campos e rudeza das montanhas. Árvores e lagos, águas correntes para que as aves possam livremente fazer seus ninhos e se desdesdentem.

O Padre Américo sabia da força regeneradora da mãe-natureza e de como esta fala de Deus ao homem, como interlocutor privilegiado. Uma lição permanente à educação da sensibilidade e um desafio a aceitar valores mais altos.

Quadros maravilhosos!

Vem tudo isto a propósito de cinco corvos que apareceram nas capoeiras das galinhas e mais quatro melros no alambique. Com lâmpadas de aquecimento e tudo. Farinha dada a horas e, por turnos, revezados, os seu tratadores.

Cosa de pequenos? Não senhor! Martelo, chefe do Lar, deixa substituído e pede contas... À hora de deitar, já não procuro pelo Patrício por saber da ceia que está servindo à bicharada. Na terra dos grilos, uma armadilha. O Hugo, a quem tratam, cá em Casa, pela alcunha de «Pobre», esconde-se no rio, preso como está à doce ilusão de que uma doninha matreira lá caia distraída. É domingo, que recreio!

Não sei se o David — o gêmeo — já despediu uma alvéola com quem partilhava a cama com ninho, tudo... muito aconchegadinho. Quadros maravilhosos! E que dizer dos nossos gaios que imitam qualquer som dos rapazes? E os pardais, as rolas e as pombas empoleiradas na velha palmeira escarecendo do olhar matreiro dos nossos gatos, os quais, cá em Casa, se passeiam livremente de colo para colo dos rapazes?

Um enquadramento disciplinar, indispensável, de qualquer modo ao desenvolvimento do processo educativo, informado livremente por este sem número de «óbices», ricos de mensagem e de mistério, dirigidos permanentemente à afectividade e à inteligência, não há dúvida. Homens não fará, mas é um bom empurrão. O Padre Américo sabia disso.

Padre João

FESTAS

SETÚBAL

À medida que as Festas vão decorrendo, descobrimos aspectos novos em que não havíamos reflectido.

O espaço «Festas» foi sentido pelo Padre Américo que não se conteve em levar ao Coliseu do Porto os seus rapazes, para ali mostrarem e demonstrarem o que é a vida numa Casa do Gaiato.

O Padre Américo percebeu que não bastavam os seus brilhantes escritos nem a sua palavra arrebatadora, era necessário algo mais que completasse a própria argumentação e provasse como certas as suas teses. O exemplo vivo dos rapazes no palco aparecia como uma cúpula indispensável pois a «rotinice tem muita força» e o hábito a «erros imperdoáveis» está de tal modo enraizado na mentalidade que assiste aos-sem-família, os quais se mostram muito difíceis de refutar e vencer.

A pessoa do Padre Américo era um cartaz de grande valor e a expectativa de ouvir a sua palavra um desejo fascinante. Bastava que o Padre Américo aparecesse, para acorrer logo atrás de si uma enorme multidão.

Nós já não temos o Fundador nem nenhum chega sequer à sua sombra, mas possuímos a Obra que ele fez e nós continuamos em experiências vivas, actuais e personalizadas.

O principal cartaz da Festa deixou de ser o criador da Obra para ser a própria Obra. Assim temos de lhe dar formas de arte e de beleza e as Casas do Gaiato no palco têm de ser reais, atraentes e vivas.

Os últimos espectáculos em Setúbal, Montijo, Sarilhos Grandes e Aveiro tiveram as casas superlotadas e, no fim, a alegria e o gozo dos espectadores eram evidentes!

Só as capas no Luísa Todi recolheram perto de 300 contos.

A Festa de Aveiro tem seduções incomparáveis para os rapazes: é a hospedagem no Hotel Imperial onde são recebidos familiarmente e o jantar no Abílio dos Frangos em Bom Sucesso. Aqui o carinho pelos rapazes é tanto que parece excessivo. Em Sarilhos Grandes é o pão mole com chouriço e a alegria do convívio no fim da Festa!

Padre Acílio.

10 de Junho — Gil Vicente — CASCAIS;

16 de Junho — Salão do Externato Manuel de Melo — BARREIRO;

17 de Junho — Teatro Municipal João Mota — SESIMBRA.

VEM comigo meu irmão. Com o nosso amor de irmãos/consuiremos um mundo melhor. É com esta canção que os festeiros duma

das nossas Casas terminam a comunhão em cada terra. As salas, muito cheias, tremem de comoção. Toda a gente se levanta e dá as mãos e canta e bate palmas. Não há pressa de sair. O mundo anseia por amor. Por alegria. Por comunhão.

O tema das nossas Festas, este ano, é a Família — que Pai Américo sonhou e que procuramos ser — e o Trabalho, grande instrumento de formação dos seus elementos.

Procurei assistir, em várias terras. Ambientes diferentes, mas o mesmo amor e entusiasmo.

Houve salas inundadas por jovens. Toda a atmosfera de juventude. Em certos momentos não sabíamos se o calor da Festa era mais intenso no palco ou na sala. Tudo era Festa.

A despedida, saudosa e lenta. O até breve ou até ao ano ou venham mais vezes alentava os corações mais sensibilizados. Testemunho de amor.

Padre Horácio

LISBOA

Dia 11 de Junho, 15,30 h — Salão dos Bombeiros Voluntários — TORRES VEDRAS;

Dia 15 de Junho, 21,30 h — Salão B. Voluntários — FANHÕES.

DOCTRINA



Quem vos despreza,
a Mim mesmo despreza.
DO EVANGELHO

UMA vez que esperas com tanto anseio a Obra da Rua para tomar conta do que nela se relata, deixa-me abrir um nadinha a válvula de segurança e desabafar mais tu, que assim ajudas os meus trabalhos sem saíres de tua casa. Às vezes a alma da gente está triste até à morte e, por fraqueza, naturalmente, procura o pensamento mai-la palavra amiga de outras almas mais fortes, como o viandante a sombra das árvores — tudo para aliviar. Não que eu me sinta um naufrago, mas sim cansado de remar. Se há alguém no mundo tão forte que dispense esta sorte de conforto — eu não. O estoicismo é virtude dos sem Deus. Do Evangelho para cá, fia-se de outra maneira. O Coração de Jesus procurava os amigos de Betânia para cobrar ânimo — Ele, rei e centro de todos os corações!

MENDIGAR simpatias, não; mas apoiar-me na tua e, mais ainda, nas tuas orações — isso sim. Sabes: fiz um dia um voto de pobreza para acudir a tempo e horas à miséria dos meus irmãos, alistando-me, na maré, na ala do sacerdócio para ser em tudo milícia de Jesus. Pois muito bem; em vez de ser guia de livre-trânsito, tem sido para mim ferrete, neste mundo, o meu carácter sacerdotal! Dá pena! Tenho surpreendido senhores de categoria a esconderem-se atrás da porta, com medo não sei de quê, em certas repartições onde eu entro! Outros, formados na Briosia, lançam um sentido «que pena este homem ser padre» e os com quem no momento falam, pensam certamente da mesma sorte! E ainda outros, que dão pelo nome do senhor Doutor, não gostam de ver «homens de saias» nas enfermarias dos hospitais, «a chatear os doentes»! Oh!, sim; deixa-me fazer do teu lar a Betânia de Jesus.

SE descermos às camadas da miséria negra, topo maior adversidade. Se os Grandes me não querem, preciso eu dos Pequenos e não posso fazer-lhes bem, que eles fogem de mim: «Eh!, que cheiro a carne morta»; e alguns pais dos felizes habitantes da Casa do Gaiato viram a cara para o lado quando seus filhos me beijam a mão, de contentes, nas ruas desta cidade! «Quantas vezes não quis eu abrigar-te debaixo das minhas asas como faz a galinha aos pintainhos — e não quiseste...!» Não é por minha causa que assim falam e procedem — é que não conhecem Deus.

(...) Tantos colégios abertos por esse mundo além para educar a mocidade portuguesa — e quem cuida dos filhos da rua que também são mocidade de Portugal? A criação não vale pelo berço onde nasceu, mas sim por aquilo que realmente e necessariamente é — alma redimida pelas Mãos de Cristo Jesus, com lugar marcado no Céu desde a constituição do mundo. Ajuda, orienta a Criança a ocupar o seu posto final, sem se te dar do bem ou mal nascida que ela é. Dá o teu sangue por ela, que antes o deu o Homem Deus e esta recompensa basta; e que recompensa! Deus escondeu esta ciência aos sábios e aos prudentes do mundo e revelou-a aos insensatos.

SENHOR vivo e justo Juiz, que nunca deixas cair no chão nem dás a confusão aos que neste mundo esperam — eu fico aqui na rua, de joelhos, à espera, com a minha mão sobre a cabeça de algumas dúzias de garotos da rua, agora na Casa do Gaiato, e de outros tantos rapazes, no Lar do ex-Pupilo: uns para que não cheguem a ir para os Reformatórios, outros para que saibam aproveitar os anos que lá estiveram. Todos são vossos, Senhor. Ajudai-me a formar insensatos e idiotas que aprendam na Vossa Escola a apanhar trapos vivos com inteligência e coração e a ensinar-lhes o que eles verdadeiramente valem e são.

Padre Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol. — Campanha de 1939 a 1940)

Calvário

Acuso

VEM do Conde Ferreira meio curado. O equilíbrio da sua saúde futura está dependente de uns tantos medica-

Pai Américo

Continuação da página 1

Nesta hora em que o Processo de Beatificação de Pai Américo se prepara para a fase final de julgamento em Roma, cumpre-nos rezar. Que o Espírito de Deus se manifeste. É d'Ele, só d'Ele, a última palavra.

Padre Carlos

mentos diários e de ausência de álcool.

É casado. Tem dois filhos. Mas a situação em que caíu, levou os filhos e a esposa a repudiá-lo. Era já um homem só quando entrou no hospital e continuou a sê-lo até transpor o nosso portão. Estranho e desconfiado nos começos, em breve se manifestou trabalhador, disponível, sempre pronto a ajudar os mais dependentes. Ele camas para fazer, ele de comer para dar a quem não pode fazê-lo, ele jardins, ele o dia todo a pedir trabalho.

Não foi necessário muito tempo para que surgisse o homem novo, o que levou os visitantes a perguntar

se ele era um empregado.

Os nossos vizinhos repararam igualmente na presença dos serviços que ia realizando. E um dia tentam-no. O pobre homem parte, convencido da sua capacidade. Mas esta dependia de vários factores: medicação adequada, segurança, presença de amigos, ambiente sereno, ocupações e sobretudo ausência de más companhias. Posto em circunstâncias desfavoráveis, com amigos apenas do seu trabalho, começa a desmoronar-se.

Refugia-se novamente no álcool. Perde o controle de si próprio. Inicia a caminhada da degradação.

Padre Baptista

PASSO A PASSO

Pergunta e resposta

«Como consegue ter paciência com os rapazes?», perguntava-me um senhor. «Gostando deles! É! Gostando deles», respondi intuitivamente.

Está aqui a resposta! Aceitar o rapaz tal qual é, gostar dele, sabendo que desse amor os frutos logo começam a despontar.

Sim, só poderá haver paciência onde houver amor. Tantos séculos de história humana, imperfeição e pecado sempre nela presente, distracção impermanente na busca do divertimento, homens crianças recusando escutar a voz do Pai. E Ele pleno de paciência, sempre advertindo, sempre chamando, sempre corrigindo. Envia mesmo o Irmão mais velho de todos os filhos para lhes dar a conhecer a Verdade. Mas eles matam-no. Humanamente razão suficiente para perder a paciência divinamente inesgotável, que quando parece acabar é só mais uma forma de os chamar, um outro modo de amar. E esperar...

Quem ama, o que mais espera é ver o outro amar. É esta a sua recompensa. Mais que ser amado, ver amar. «O Meu

Mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei.» Esta expectativa, a esperança de ver amar faz nascer a paciência.

Se soubéssemos de um rapaz incorrigível na radicalidade do termo, não o conseguiríamos amar. Mas o amor que nos anima faz-nos viver na serena paciência de quem espera ver o rejeitado a amar, e isto virá mostrar que «não há rapazes maus». E se o são, aparentemente, é porque nunca foram amados. É este vazio que queremos encher. Cadeia a quebrar. Da falta de amor. E estando ele em todos, já ninguém fala da paciência.

Este amor de que falamos e que Jesus Cristo nos veio ensinar, viveu-O Ele mais que ninguém. E dele deu a maior prova na cruz. O nosso gostar dos rapazes vem daqui. Ir até onde formos capazes. E se não, humildade.

Tenho ouvido gente nova a dizer que não tem paciência. Costumava ser coisa dos mais velhos. Mas agora os novos também?! Pois que falta? Ir à fonte beber...

Padre Júlio